

CONTEXTO DEMOCRÁTICO MOÇAMBICANO

Deputados têm fraco trabalho de base

EDWIN HOUNNOU

Uma pesquisa realizada em Cabo Delgado, Nampula, Niassa e Zambézia, com uma amostra global de 1200, pelos académicos Barbosa Morais e António Gaspar, denominada *interacção entre o eleitorado do norte, no contexto democrático moçambicano*, publicado em 2007, em Maputo, demonstra que o nosso deputado, nos intervalos das sessões, quando regressa ao seu círculo eleitoral tem um fraco trabalho de base.

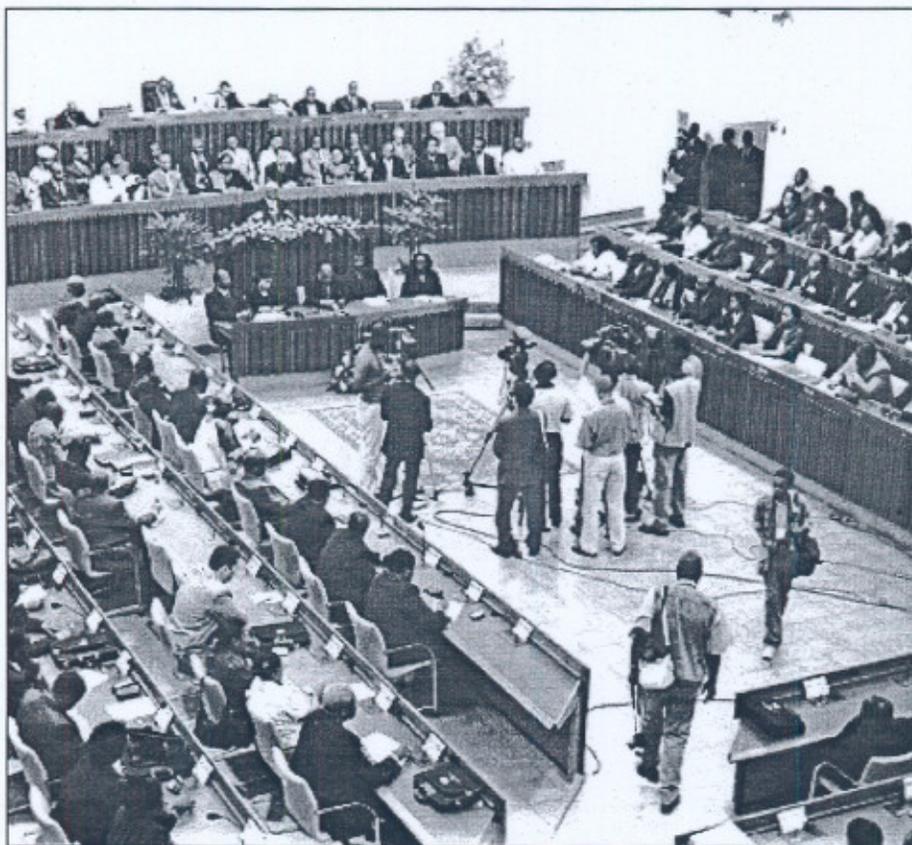
O deputado encontra-se, em vários casos, desligado dos eleitores, vive alheio aos problemas das populações. O seu comportamento assemelha-se ao de um filho emancipado, que se acha desobrigado de reportar aos pais do que anda a fazer. Porém, um bom filho não é aquele que não se aproxima dos pais pelo facto de estar emancipado ou atingido maior idade.

O nosso deputado espelha esse filho, apesar de ouvirmos nas suas raras intervenções no Parlamento, falar do *nosso povo*. Os intervalos entre as sessões não se comparam a férias disciplinares que as instituições cedem aos seus colaboradores para, durante algum tempo, irem descansar junto dos seus familiares ou deambularem pelas praias, após um ano de muito trabalho. Esse tempo não se destina, de nenhum modo, para o deputado relaxar, para visitar familiares e amigos.

O período de intervalo entre as sessões serve para o deputado ir interagir com as comunidades, a fim de se compenetrar e ajudar a resolver os problemas que apoquentam às populações. Permite ao representante do povo apropriar-se das reais dificuldades do eleitorado, e assim adoptar-se, de facto, do que está a acontecer. Se todos fizessem esse exercício, talvez se evitassem algumas intervenções desconexas que, amiúde, assistimos.

Como não acontece a interacção entre o deputado e os eleitores, em consequência, temos um parlamentar pouco conhecido pelas bases ou até desconhecido dos eleitores. A sua participação no mais alto órgão legislativo do País é desfasada ou, na pior das hipóteses, mantém-se calado, durante todo o tempo, porque não pode imaginar a dimensão dos problemas das comunidades.

Ter um deputado que não vai às bases, desligado do eleitorado, é o mesmo que não ter nenhum representante com



Deputados têm fraco trabalho de base

capacidade de transportar os problemas do povo e propor a solução. Ninguém falar e muito menos tentar ajudar a resolver o que não conhece. O deputado que não conhece os problemas da sua comunidade pesa menos que uma pena. Pouco vale tê-lo ou não, porque não marca a diferença.

Nos últimos tempos, cresce o sentimento de que há uma erosão no índice de confiança e de decepção do eleitorado em relação ao desempenho do sistema representativo. O deputado não dá a cara, aparece na lista do partido e o eleitor vota na lista que pode conter pessoas sem qualquer mais-valia. Para muitos, ser deputado é mais uma ocupação bem remunerada, quer trabalhe quer não.

Verifica-se uma acentuada perda de credibilidade e confiança nos actores políticos, com grande destaque no Parlamento e partidos

políticos. Este fenómeno tende a ganhar maior consistência com o crescimento do índice de abstenção nos pleitos eleitorais, como foi o evidente caso das eleições gerais e presidenciais de 2004, nas quais quase 70 por cento dos eleitores inscritos preferiu outras ocupações ao invés de ir votar.

Os entrevistados de Cabo Delgado destacam a ausência do deputado nas bases. Este posicionamento foi manifestado por mais de 50 por cento dos entrevistados que se mostraram bastante cépticos quanto à presença do deputado nos distritos. Estes cidadãos salientam a ausência dos parlamentares nas bases que é mais notória nos períodos que separam os pleitos eleitorais.

Os entrevistas de Chiúre disseram que os deputados aparecem apenas nas eleições. Os de Pemba disseram que os

deputados não se fazem sentir. De um modo geral, os entrevistados de Cabo Delgado mostram-se insatisfeitos com o desempenho dos deputados, em particular, pela grande ausência nos círculos eleitorais.

De um total de 204 entrevistados da província de Nampula, a maioria mostra que não está satisfeita com o desempenho dos deputados. Por exemplo, os entrevistados de Angoche e cidade de Nampula apresentaram o seu pessimismo ao defender que a actividade do deputado "em nenhum aspecto" tem impacto visível nos seus distritos.

Quanto à presença dos parlamentares nos distritos, os entrevistados da província de Nampula estão divididos em três grupos. O primeiro defende que os deputados se "fazem sentir" no seu distrito. Os cidadãos da cidade de Nampula foram os principais defensores

deste ponto de vista. O segundo, assume uma posição oposta, sustentando que os deputados "não se fazem sentir" nas suas zonas. Os que defendem tal posicionamento, o destaque vai para os entrevistados de Lalaua. O terceiro grupo admite que os parlamentares têm alguma presença no distrito, embora seja "fraca e poucas vezes". Angoche está na dianteira dos entrevistados que dizem que os parlamentares andam ausentes dos círculos eleitorais.

Os entrevistados do Niassa estão desapontados com os deputados. A esmagadora maioria defende que "nenhum trabalho" desenvolvido pelos deputados produz um impacto digno de realce sobre a vida dos distritos. Os entrevistados de Mavago salientaram que na crítica directa aos deputados que, na sua opinião, a acção dos parlamentares é quase

nula. Os de Majume regozijam pelos avanços na educação.

Estes posicionamentos revelam que a maturidade das populações se mede tanto através da crítica como pelo reconhecimento das actividades complementares entre o governo e deputados.

Sobre o trabalho dos deputados, constata-se que todos são unânimes em dizer que "em nenhum aspecto" ajuda a melhorar a vida da população. Quanto à presença dos deputados nos distritos de Niassa, não foge muito da situação prevalecente noutras províncias onde a nota dominante tem sido a ausência. Quase todos os entrevistados destacam que a presença dos deputados nos distritos "não se faz sentir".

Os entrevistados da província da Zambézia, dizem que a actividade do deputado ainda está muito aquém do desejável. Os dados disponíveis revelam que a esmagadora maioria dos entrevistados sustenta que "nenhum trabalho" desenvolvido pelos parlamentares produz impacto directo sobre a vida dos distritos.

A presença do deputado nos seus círculos eleitorais constitui um indicador sobre o seu desempenho junto das populações. Consta-se que a esmagadora maioria dos entrevistados é muito céptico quanto à presença dos deputados no seu distrito. Defendem a posição segundo a qual "não se faz sentir" nas bases. Esta posição é defendida com destaque pelos entrevistados de Guruê, Mopeia e Quelimane.

Se o leitor tiver conhecimento de algum caso de deputados que chegam às capitais provinciais e se deixam ficar por lá, pode nos informar. Indique-nos os poucos que se fazem aos distritos, que mensagens levam. O fraco desempenho do Parlamento deve-se, ao facto do deputado viver desligado da base. Se quiser ver o Parlamento mais presente e próximo do eleitor, exija que o deputado trabalhe mais e melhor. ☐